

OLIVER SACKS

VENDO VOZES

Uma viagem ao mundo dos surdos

Tradução

Laura Teixeira Motta



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1989, 1990 Oliver Sacks
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Seeing voices: a journey into the world of the deaf

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Célia Regina Rodrigues de Lima

Revisão

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

Índice remissivo

Pedro Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sacks, Oliver W., 1933-

Vendo vozes : uma viagem ao mundo dos surdos / Oliver
Sacks ; tradução Laura Teixeira Motta. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2010.

Título original: Seeing voices: a journey into the world of the deaf
Bibliografia.

ISBN 978-85-359-1608-9

1. Gallaudet Universidade — Revolta, 1988 2. Linguagem de
sinais 3. Surdos — História I. Título. II. Título: Uma viagem ao
mundo dos surdos.

10-00351

CDD - 305.908162

Índice para catálogo sistemático:

1. Surdos : História 305.908162

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

SUMÁRIO

Prefácio 9

Capítulo 1 15

Capítulo 2 41

Capítulo 3 106

Notas 136

Bibliografia selecionada 192

Referências bibliográficas 197

Índice remissivo 205

Sobre o autor 215



Fotografia estroboscópica dos sinais “juntar” e “informar” da ASL.
(Reproduzido sob permissão de E. S. Klima, U. Bellugi, *The signs of language*. Harvard University Press, 1979.)

SOMOS NOTAVELMENTE IGNORANTES a respeito da surdez — o que era, para o dr. Johnson, “uma das mais terríveis calamidades humanas” —, muito mais ignorantes do que um homem instruído teria sido em 1886 ou 1786. Ignorantes e indiferentes. Nos últimos meses, mencionei o assunto a inúmeras pessoas e quase sempre obtive respostas como: “Surdez? Não conheço nenhuma pessoa surda. Nunca pensei muito sobre isso. Não há nada de *interessante* na surdez, há?”. Essa teria sido minha própria resposta alguns meses atrás.

A situação mudou para mim quando recebi um avultado volume de Harlan Lane intitulado *When the mind hears: a history of the deaf*, que abri com indiferença, logo transformada em assombro e depois em algo próximo da incredulidade. Conversei sobre o assunto com a dra. Isabelle Rapin, minha amiga e colega que há 25 anos trabalha intimamente com surdos. Conheci melhor uma colega com surdez congênita, mulher notável e muito talentosa a quem eu antes não valorizava devidamente.¹ Comecei a acompanhar com grande atenção, ou a estudar, pela primeira vez, alguns pacientes sob meus cuidados.² Minha leitura ampliou-se rápido, da história de Harlan Lane para *The deaf experience*, uma coletânea de memórias e estudos biográficos dos primeiros surdos alfabetizados organizada por Lane, e em seguida para *Everyone here spoke Sign Language*, de Nora Ellen Groce, e muitos outros livros. Hoje em dia, tenho toda uma prateleira da estante ocupada por obras sobre um assunto que seis meses atrás eu nem sequer pensava que existia, e assisti a alguns dos admiráveis filmes produzidos sobre o tema.³

Mais um crédito, a título de preâmbulo. Em 1969, W. H. Auden deu-me um exemplar, o seu próprio, de *Deafness*, um

notável ensaio autobiográfico do poeta e romancista sul-africano David Wright, que ficou surdo aos sete anos de idade. “Você verá que é fascinante”, disse Auden. “É um livro maravilhoso.” Estava pontilhado com suas anotações (embora eu não saiba se ele chegou a revê-las). Em 1969, passei os olhos pela obra, sem prestar muita atenção. Mas depois eu a redescobri por mim mesmo. David Wright é um autor que escreve do âmago de sua própria experiência e não como um historiador ou acadêmico escreve sobre o tema. Além disso, ele não é um estranho para nós. Podemos imaginar com certa facilidade como seria estar no lugar dele (ao passo que, sem dificuldade, não seríamos capazes de imaginar como seria estar no lugar de alguém que nasceu surdo, como o célebre professor Laurent Clerc). Por isso, ele pode servir de ponte para nós, conduzindo-nos com suas próprias vivências ao reino do inimaginável. Uma vez que Wright é mais fácil de ler do que os grandes surdos-mudos do século XVIII, devemos, se possível, ler primeiro sua obra porque ela nos prepara para aqueles autores. No final do livro, Wright escreve:⁴

Não há muita coisa escrita por surdos sobre a surdez.⁵ Mesmo assim, considerando que só fiquei surdo depois de ter aprendido a língua, não estou em melhor posição do que uma pessoa ouvinte para imaginar como seria nascer no silêncio e chegar à idade da razão sem adquirir um veículo de pensamento e comunicação. Só o tentar já mostra a eloquência da extraordinária abertura do Evangelho de São João: No princípio, era o Verbo. Como é que se formulam conceitos nessas condições?

É isso — essa relação da linguagem com o pensamento — que compõe a mais profunda, a suprema questão quando refletimos sobre o que aguarda, ou pode aguardar, aqueles que nascem ou muito cedo se tornam surdos.

O termo “surdo” é vago, ou melhor, é tão abrangente que nos impede de levar em conta os graus de surdez imensamente variados, graus que têm uma importância qualitativa e mesmo “existencial”. Há os que têm “dificuldade para ouvir”, mais ou menos 15 milhões dentre a população americana, pessoas que conseguem ouvir parte do que se fala com o auxílio de aparelhos auditivos e um pouco de atenção e paciência providos de quem fala com eles. Muitos de nós têm pais ou avós nessa categoria — um século atrás, eles teriam usado cornetas acústicas; hoje, usam aparelhos auditivos.

Há também os “seriamente surdos”, muitos deles vítimas de doença ou dano no ouvido na juventude; mas no caso deles, assim como no dos que têm dificuldade para ouvir, ainda é possível ouvir a fala, em especial com os novos aparelhos auditivos, altamente sofisticados, computadorizados e “personalizados” que estão surgindo agora. Existem também os “profundamente surdos” — às vezes chamados “totalmente surdos” —, que não têm esperança alguma de ouvir qualquer fala, não importam que avanços tecnológicos imagináveis possam surgir. As pessoas profundamente surdas não são capazes de conversar da maneira usual — precisam ler os lábios (como fazia David Wright), usar a língua de sinais ou ambas as coisas.

Não é apenas o grau de surdez que importa, mas principalmente a idade, ou estágio em que ela ocorre. David Wright, no trecho já citado, observa que perdeu a audição só depois de ter aprendido a língua, e (sendo assim) ele não é sequer capaz de imaginar como seria a situação para os que não tinham ou perderam a audição antes do aprendizado da língua. Wright volta ao assunto em outras passagens.⁶

Tornar-me surdo na época em que me tornei — se a surdez tinha de ser meu destino — foi uma sorte extraordinária. Aos sete anos de idade, uma criança provavelmente já compreende os fundamentos da língua, como eu compreendia. Ter aprendido naturalmente a falar foi outra vantagem

— pronúncia, sintaxe, inflexão, expressões idiomáticas, tudo foi adquirido pelo ouvido. Eu possuía a base de um vocabulário que poderia ser ampliado sem dificuldade com a leitura. *Tudo isso me teria sido impossível se eu tivesse nascido surdo ou perdido a audição mais cedo.* [Grifo meu.]

Wright discorre sobre as “vozes fantasmagóricas” que ele ouve quando alguém lhe fala, contanto que ele consiga *ver* o movimento dos lábios e do rosto da pessoa, e conta que “escuta” o sussurro do vento sempre que vê árvores ou ramos sendo agitados pelo ar.⁷ Ele faz uma descrição fascinante da primeira vez em que isso aconteceu — de sua ocorrência *imediata* juntamente com o início da surdez:⁸

[Minha surdez] ficou mais difícil de perceber porque desde o princípio meus olhos inconscientemente haviam começado a traduzir o movimento em som. Minha mãe passava grande parte do dia ao meu lado e eu entendia tudo o que ela dizia. Por que não? Sem saber, eu vinha lendo seus lábios a vida inteira. Quando ela falava, eu parecia ouvir sua voz. Foi uma ilusão que persistiu mesmo depois de eu ficar sabendo que era uma ilusão. Meu pai, meu primo, todas as pessoas que eu conhecia conservaram vozes fantasmagóricas. Só me dei conta de que eram imaginárias, projeções do hábito e da memória, depois de sair do hospital. Um dia eu estava conversando com meu primo, e ele, num momento de inspiração, cobriu a boca com a mão enquanto falava. Silêncio! De uma vez por todas, compreendi que quando não podia ver eu não conseguia escutar.⁹

Embora Wright saiba que os sons que ele “ouve” são “ilusórios” — projeções do hábito e da memória —, esses sons permanecem intensamente vívidos para ele ao longo de décadas de surdez. Para Wright, para os que ficaram surdos depois de a audição estar bem estabelecida, o mundo pode permanecer repleto de sons, muito embora sejam “fantasmagóricos”.¹⁰

A situação é muito diversa, e essencialmente inimaginável pelas pessoas normais (e até mesmo pelas que têm surdez pós-linguística, como David Wright), quando já ao nascer a audição está ausente ou quando ela é perdida na infância antes de a língua ser adquirida. As pessoas assim atingidas — com surdez pré-linguística — encontram-se numa categoria qualitativamente diferente de todas as demais. Para essas pessoas, que nunca ouviram, que não têm lembranças, imagens ou associações auditivas possíveis, nunca poderá ocorrer a ilusão de som. Elas vivem num mundo de absoluto e contínuo silêncio e ausência de som.¹¹ Essas pessoas, os surdos congênitos, perfazem talvez 250 mil nos Estados Unidos. São um milésimo das crianças do planeta.

É dessas pessoas, e apenas dessas, que nos ocuparemos aqui, pois sua situação e dificuldades são únicas. Por que isso ocorre? Ao pensarem sobre a surdez, quando chegam a pensar, as pessoas tendem a considerá-la menos grave do que a cegueira, a vê-la como uma desvantagem, um incômodo ou uma invalidez, mas quase nunca como algo devastador num sentido radical.

Pode-se debater se a surdez é ou não “preferível” à cegueira quando adquirida não muito cedo na vida; mas nascer surdo é infinitamente mais grave do que nascer cego pelo menos de forma potencial. Isso porque os que têm surdez pré-linguística, incapazes de ouvir seus pais, correm o risco de ficar seriamente atrasados, quando não permanentemente deficientes, na compreensão da língua, a menos que se tomem providências eficazes com toda a presteza. E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro — sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas. E, de fato, podemos ser tão pouco capazes de realizar nossas capacidades intelectuais que pareceremos deficientes mentais.¹²